

Quaderna, personagem-mosaico d' *A pedra do reino* e a construção de memória sincrônica no romance

*Quaderna, mosaic character of **A pedra do reino** and the construction of synchronic memory in novel*

Renailda Ferreira Cazumbá
Edvania Gomes da Silva

Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Bahia – Brasil



Resumo: O romance d' *A Pedra do Reino*, escrito por Ariano Suassuna, possui uma composição narrativa complexa e multifacetada que provoca reflexões acerca das da produção literária brasileira da década de 1970, época em que foi publicado. Dessa forma, este artigo possui a intenção de analisar a personagem Quaderna, um dos componentes-chave desse romance, com base na ideia de este se constitui em uma personagem-mosaico, a partir da qual o romance de Suassuna agrega várias visões de Brasil e constrói memória sobre o aspecto histórico e político do país a partir de 1930. Quaderna, por sua postura crítica e autoconsciente, de intrusão na trama e, ainda, o narrador que é responsável pela autoconstrução, participa do vasto painel das personagens complexas da literatura brasileira.

Palavras-chave: Ficção; Personagem; Memória; Romance brasileiro

Abstract: Romance d' *A Pedra do Reino*, written by Ariano Suassuna, has a complex and multifaceted narrative composition that provokes reflections about the Brazilian literary production of the 1970s, when it was published. Thus, this article intends to analyze the character Quaderna, one of the key components of this novel, based on the idea of this is a mosaic character, from which Suassuna's novel adds several visions of Brazil and builds a memory of the country's historical and political aspects beginning in 1930. Quaderna, through his critical and self-conscious posture, of intrusion into the plot, and also the narrator who is responsible for self-construction, participates in the vast panel of complex characters in Brazilian literature.

Keywords: Fiction; Character; Memory; Brazilian romance

O Reino de Quaderna – o romance

Como personagem-narrador da história, Quaderna habita no universo composicional do romance d' *A Pedra do Reino*, obra escrita por Ariano Suassuna entre 1958 e 1970. Todos os acontecimentos da trama narrativa organizam-se em torno do pedido de absolvição do bibliotecário Pedro Dinis Quaderna para o processo penal do “crime enigmático” e “indecifrável” no qual foi implicado, na pequena vila paraibana de Taperoá, no ano de 1938. Mesmo as histórias e causos ocorridos com as demais personagens são contados por esse narrador-protagonista, verborrágico, de primeira pessoa, e possuidor de grande repertório de leitura, que se apresenta ao leitor, nas primeiras páginas, como “Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, sou o mesmo Dom Pedro IV, cognominado ‘O

Decifrador’, Rei do Quinto Império e do Quinto Naípe, Profeta da Igreja Católico-Sertaneja e pretendente ao trono do Império do Brasil” (SUASSUNA, 2007, p. 33).

O leitor que se dispuser a ler prazerosamente as trágicas e, ainda, divertidas “vicissitudes” e “desventuras” na narração do pedido de clemência desse narrador-protagonista, predispondo-se ou não a acreditar nele, deve estar disposto a levar adiante a absorção de uma quantidade enorme de episódios inclusos; desde a infância feliz e de aprendizado da literatura de cordel na fazenda Onça Malhada, no sertão do Cariri, onde cresce sob os cuidados da sua Tia Filipa e do tio Pedro Sebastião Garcia Barretto, até ele ser preso, em 1938, sob a acusação de envolvimento em crimes e atos políticos subversivos em Taperoá. Além disso, aquele que se dispõe a ler a extensa obra, com mais de 600 páginas, envolve-se

também na pretensão do romance de revolver uma série de informações relacionadas à formação cultural e aos discursos já pronunciados ao longo da história do Brasil, pretendendo ser, também, uma memória sobre o país.

O modelo composicional d' *A Pedra do Reino* condiz com o feito narrativo de transição que as obras ficcionais apresentaram no período das décadas de 1960 e 1970 no Brasil. Configurada no enredo por uma estrutura episódica, na qual coexistem diversas histórias que se assemelham a contos aparentemente independentes, a narração do pedido de clemência de Quaderna, a personagem principal, e a consequente narração da trajetória biográfica deste narrador-protagonista no romance-memorial que escreve à nação brasileira, ocupa o centro da trama, amarrando ao enredo episódios e reflexões direcionadas à história e à literatura nacional.

Ligada a essa confissão de Quaderna, a trama narrativa aciona uma grande diversidade de discursos, literários e não-literários, provindos de diversos lugares ideológicos (da literatura canônica, da historiografia, do cordel), na qual várias temporalidades e lugares ideológicos convivem no mesmo plano de percepção (Pero Vaz de Caminha, Varnhagen, José de Alencar, Euclides da Cunha, Tobias Barreto, Joaquim Nabuco, Lampião, Antonio Conselheiro até Homero), demonstrando o desejo do autor de abarcar uma realidade em toda a sua complexidade social, histórica e cultural, construindo com isso uma memória sobre o país.

Nesse sentido, *A Pedra do Reino*, apoiando-se no estilo coloquial, conferido à narração por Ariano Suassuna, assume, em certo sentido, o bom estilo do gênero policial, seguido em parte pelo romance de aventuras contadas pelo protagonista, que gravitam em torno de emboscadas, assassinatos, atos de subversão, eventos messiânicos, inquéritos, posses de heranças e brigas entre famílias rivais do sertão paraibano. Todos os elementos do enredo retratam o quadro das transformações e conflitos socioculturais do Nordeste brasileiro, desde o Império até meados do século XX, mais precisamente, na chamada Revolução de 1930 e na Intentona Comunista. A perspectiva de suspense que envolve a culpabilidade ou a inocência do narrador-protagonista, um bibliotecário, fidalgo arruinado e agregado na fazenda do tio e padrinho, o latifundiário Pedro Sebastião Garcia-Barreto, e a probabilidade de desvendamento de crimes que lhes são imputados têm a vantagem de instigar o leitor a ler a extensa teia de informações do enredo. Não fosse esse suspense, talvez, a grande quantidade de informações pusesse em risco a coerência dessa trama. Isso acontece porque as variadas versões para os mesmos fatos e a repetição de detalhes de um mesmo episódio, que Quaderna conta de forma circular – a morte do tio e padrinho do protagonista, Pedro Sebastião, e o aparecimento do Rapaz do Cavalo

Branco à vila e que fazem parte da insistência do narrador em nos provar sua inocência – poderiam ser elementos que desviassem a atenção do leitor comum, devido, principalmente, ao acúmulo de acontecimentos narrados e de digressões feitas pelo narrador.

A trama de eventos contados em torno da culpabilidade ou não de Quaderna se torna ainda mais extensa, porque, além de relatar as causas do processo, o narrador inclui “causos” e histórias regionais, personagens, trechos de obras populares como o cordel e desenhos em forma de xilogravura, poemas canônicos e citações, que ilustram cenas e enredos de cordéis protagonizados por cavaleiros e fidalgos sertanejos nas caatingas do sertão. Tudo isso faz parte do delírio e do sonho que incendiaram o “sangue” e a memória do intelectual, cristão e monarquista de esquerda que Quaderna representa; esses elementos do livro condizem com a “a dicção regional” e a escrita fortemente oralizada (CHAGAS, 2015, p.2) que Suassuna conferiu à sua obra. Isso não invalida a semelhança do romance de Suassuna com outras obras nacionais ou mesmo estrangeiras, as quais possuem a marca de serem escritas por autores “enciclopédicos”, que buscaram criar, em suas obras, conforme afirma Chagas (2015), um “panorama enciclopédico” de visões sobre seu país, possibilitando um painel de várias realidades e temporalidades coexistindo sincronicamente, como uma forma de memória.

As muitas faces de Quaderna

Enquanto personagem, Quaderna apresenta múltiplos contornos. Quaderna se diz, no Folheto I (nome dado aos capítulos do romance), um poeta-escrivão, cronista, charadista, astrólogo e, colaborador de páginas literárias, um fidalgo, sucessor em linha de direta dos reis do Brasil e, portanto, um herdeiro da coroa real brasileira. É o que se observa nos excertos abaixo, nos quais o leitor o narrador-protagonista, no presente da enunciação, se apresenta ao leitor através do memorial que escreve, ao mesmo tempo em explica, em tom de “defesa e apelo”, o processo em que fora envolvido. Vejamos, então, o que diz o texto:

É meio-dia, agora, em nossa Vila de Taperoá. Estamos a 9 de Outubro de 1938. É tempo de seca, e aqui, dentro da Cadeia onde estou preso, o calor começou a ficar insuportável desde as dez horas da manhã. Pedi então ao Cabo Luís Riscão que me deixasse sair lá de baixo, da cela comum, e vir cá para cima, varrer o chão de madeira do pavimento superior, onde funcionava, até o fim do ano passado, a Câmara Municipal. [...]

Aproveitei, então, o fato de ter terminado logo a tarefa e deitei-me no chão de tábuas, perto da parede, pensando, procurando um modo hábil de iniciar este meu Memorial, [...].

[...] Para ser mais exato, preciso explicar ainda que meu verdadeiros Reis brasileiros, os Reis castanhos e cabras da Pedra do Reino do Sertão, que cingiram, de uma vez para sempre, a sagrada Coroa do Brasil, de 1835 a 1838, transmitindo-a assim a seus descendentes, por herança de sangue e decreto divino (SUASSUNA, 2007, p. 33-34).

Neste folheto I, Quaderna afirma, como se fizesse uma confissão, que está preso, no ano de 1938, numa pequena vila do sertão paraibano, de onde escreve uma obra dirigida à nação brasileira. O leitor ainda não sabe, mas, no presente da narração, que já representa o final da história, Quaderna vê-se em apuros, pois não conta com a ajuda de seus mentores intelectuais, Clemente e Samuel, que o abandonaram antes do depoimento. Sozinho na cadeia, Quaderna conta que seu tio e padrinho, Pedro Sebastião, fora assassinado em 1930. Diz que, posteriormente a esse fato, em 1935, Taperoá foi sacudida por questões políticas motivadas pela chegada de um grupo de cavaleiros que escoltavam Sinésio, fatos estes que motivaram a reabertura do inquérito da morte do tio e de outras questões, o que levou o juiz-corregedor a investigar os crimes possivelmente praticados pelo protagonista. Da cadeia, Quaderna conta as grandezas de seus antepassados da Pedra do Reino e exalta a suas qualidades de herdeiro do trono do Brasil e descende dos “verdadeiros Reis brasileiros, os Reis castanhos e cabras da Pedra do Reino do Sertão, que cingiram, de uma vez para sempre, a sagrada Coroa do Brasil, de 1835 a 1838”. (SUASSUNA, 2007, p. 33).

Mas, a despeito dessas “grandezas” de rei e profeta apresentadas no primeiro folheto, vemos, durante a narração das ações pregressas do protagonista, que seu conhecimento literário é desprestigiado por seus professores, Clemente e Samuel, pois ele não é “Doutor”. A sua formação literária popular, vinda dos folhetos nordestinos, rende-lhe chacotas e humilhações por parte dos professores, que não se conformam com o fato de que Quaderna, apesar das lições que recebe deles, fizesse uma literatura misturada, baseada nas lições dos cordéis e gestada na convivência do protagonista com os “bêbados”, cantadores e outros “valdevinos”, além da sua leitura dos romances de safadeza do Visconde de Montalvão. Os mestres do protagonista queixavam-se, ainda, do fato de que fosse José de Alencar o maior precursor de Quaderna, um autor que eles consideravam “de segunda ordem”. Essa reprovação não era de se admirar, pois os professores de Quaderna eram intelectuais renomados, que, supostamente, entendiam de literatura, filosofia e política. Clemente era “advogado, filósofo e mestre-escola da nossa Vila”, como afirma o protagonista; era um Intelectual de esquerda, um historiador nascido no sertão da Paraíba e educado na escola de Tobias Barretto; liderava

o movimento literário do “Oncismo Negro-Tapuia do Brasil” (SUASSUNA, 2007, p. 42), cujas bases filosóficas eram pautadas nos ideias de defesa da contribuição das etnias negras e indígenas à cultura brasileira. Já o Doutor Samuel Wandernes, descrito pelo protagonista como o “fidalgo dos engenhos”, é um monarquista de direita e bacharel em Direito pela Universidade de Recife, e o fundador do movimento literário “Tapirismo Ibérico-Armorial do Nordeste” (p. 50).

Mas, Quaderna não fica atrás de seus professores e ocupa a posição de fundador da Academia dos Emparedados do Sertão da Paraíba. Mantém uma publicação em Campina Grande, como colaborador do “Édipo”, um suplemento literário anual renomado, conforme Quaderna, do *Almanaque de Charadístico e Literário Luso-Brasileiro* e, ainda, dirige a página “literária, social, charadística e astrológica”, do diário local, denominado de *Gazeta de Taperoá*. Estas ocupações literárias lhe conferem certo respeito na Vila. Entretanto, Quaderna terá a sua formação influenciada, sobretudo, por esse eterno antagonismo das convicções literárias, filosóficas, políticas e teológicas que caracteriza a dupla de professores, o que lhe renderá certo conflito ideológico que ele tenta conciliar. As características antagônicas, aparentemente em constante tensão e indissociáveis de seus dois professores, Clemente e Samuel, encontram-se sobrepostas no caráter de Quaderna e compõem o sentido dessa personagem.

Quaderna é a imagem da sobreposição dos contrários e da conciliação entre princípios contraditórios e conflitantes que caracterizam a formação e o pensamento intelectual de seus mestres, remetendo com isso à figura do oximoro: Samuel, branco, católico, monarquista, e favorável às ideias da direita e à defesa das heranças eruditas da cultura ibérica em nossa formação; Clemente, negro, ateu, pensador de esquerda, republicano e defensor das causas do povo brasileiro e das origens negras e tapuias presentes na cultura brasileira. Esse aspecto não impede, no entanto, que se veja na imagem do protagonista a construção de uma refinada ironia aos qualificativos de seus mestres e rivais. Conforme esclarece Ana Paula Soares Lemos (2007, p. 13): “Ele é ao mesmo tempo fidalgo e popular, tradicional e peculiar, religioso e satírico, sangrento e cheio de gargalhadas. Do risível e cômico ao dramático e trágico, Quaderna, nesse ponto, transparece a voz de seu criador, Suassuna [...]”. Essa abordagem de Lemos, embora traga informações interessantes sobre os elementos usados na construção da personagem, não esclarece, entretanto, a função que a personagem Quaderna exerce para a significação da obra. Na análise que realizamos, são importantes para a compreensão dessa personagem os recursos inerentes ao texto, como a intertextualidade e autoconsciência

narrativa. Refletimos, portanto, que revelar Quaderna como uma personagem que se autoconstrói é mais significativo do que reunir as opiniões do autor da obra sobre a construção dessa personagem. Entendemos que a construção de Quaderna possui relação com a própria configuração ambivalente, autorreferencial e pluritextual do romance aqui analisado; o texto de ficção é espaço onde as personagens “ganham sua forma e sua existência a partir de um meticuloso trabalho de linguagem” (BRAIT, 1985, p. 61).

Assim, embasando-nos nesses critérios internos ao texto e nas condições de escrita do romance, perguntamo-nos, portanto, como pode uma personagem possuir tantos qualificativos e assumir tantas capacidades, sem, contudo, perder a unidade de sua composição?

Para responder a essa questão, defendemos que a composição dessa personagem demonstra que o ambiente literário da década de 1960 apresentava maior possibilidade de experimentação de novos formatos textuais, dentre os quais o contorno autorreflexivo e intertextual do romance moderno. Enquanto uma personagem plural e ambivalente, pois Quaderna não se enquadra apenas em um perfil descritivo e interpretativo, Quaderna reúne, em si, as muitas facetas assumidas por diversas personagens romanescas, constituindo-se por meio de um painel de máscaras, um arquivo¹ de possibilidades expressivas e enunciativas. Quaderna assume, por meio da intertextualidade e da autorreflexividade, a formação de diversas personagens e de imagens literárias e culturais, reunindo, em si, um tom épico, cômico e dramático. Enquanto uma personagem construída de ordo autorreferencial, afirmamos que, para entender Quaderna, devemos buscar apreender as muitas qualificações que ele próprio se atribui; e também os seus autorrebaixamentos, que se mostram quando ele concede a voz a outros narradores que dividem com ela o relato².

A oscilação constante de “personalidade” é o traço que melhor caracteriza Quaderna. Pois, como dito, ele transita

entre a fidalguia e a marginalidade, a cobiça e a inocência, o delírio e a sagacidade no trato com a realidade, traços que nos levam a arguir que Quaderna é uma personagem que parece reunir qualificações de diversas procedências literárias, sem apresentar exclusividade do perfil de nenhuma delas: do mal-aventurado, astuto e esperto Gonçalo do *Lazarillo de Tormes*, ao autoenganado Dom Quixote e ao entufado orgulho de Ema Bovary, como nos mostra Chagas (2015); passando pelo nacionalismo ufanista do major Policarpo Quaresma, até as facetas do aprendiz e do impostor, que, de acordo com Carlos Newton Jr. (2003), Quaderna também apresenta, e que o aproximam das personagens da literatura alemã: Hans Castorp e de Félix Krull, os protagonistas dos romances de Tomas Mann: *A Montanha Mágica* e *Confissões do Impostor Félix Krull*, respectivamente. Essa semelhança entre Quaderna e os dois personagens acima citados se dá devido às coincidências da biografia e do destino dessas personagens tanto entre si quanto com a vida do protagonista do *Romance d'A Pedra do Reino*.

Por tudo isso, somos convictos em afirmar que Quaderna, apesar da unidade que concentra em torno de si, a ponto de se tornar essa personagem inconfundível no painel da literatura brasileira e mundial, mais reconhecido popularmente pela picardia e pelos delírios literários (um “bufão”, no dizer de alguns leitores), representa um mosaico no qual se concentram os traços de diversas personagens.

Para explicar o porquê da construção desse personagem-mosaico, poderíamos afirmar que Quaderna, responsável pela sua própria construção, coaduna com o desejo do próprio protagonista de compor uma obra realmente “completa” e “grandiosa”, buscando igualar-se a outros personagens complexos da literatura mundial. Entretanto, além dessa perspectiva de construção autoconsciente, levamos em consideração as condições de escrita do romance, as quais contribuem para configuração multifacetada e complexa dessa personagem. Por participar de um ambiente literário com possibilidades formais e temáticas diversas, a ambiguidade e a contradição tornam-se as características mais marcantes da personalidade do protagonista d' *A Pedra do Reino*.

Multiplicidade, ambiguidade de charadista

A ambiguidade é um dos traços que caracterizam a construção de Quaderna, a ponto de no final do livro, o leitor não ter segurança de qual perfil melhor define a personagem. Quaderna se diz, sobretudo, um charadista e, como tal, desafia o leitor a descobrir o enigma da morte do tio Pedro Sebastião e da identidade do Rapaz do Cavalo Brando, supostamente seu primo Sinésio. Entretanto, ele próprio constituiu um enigma para o leitor. Tal aspecto

¹ Resultado, em parte, da pesquisa de doutorado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade (UESB), em 2016, na qual analisamos as afinidades entre romance e memória no âmbito da produção ficcional brasileira da década de 1960, a análise mostra que o narrador-protagonista do romance de Suassuna constrói um tipo de memória específica, uma memória sincrônica, dinâmica e ligada à reflexão das transformações do seu tempo histórico e ao histórico de representações do romance brasileiro. Na perspectiva da “ficção de arquivo” (ECHEVARRÍA, 2000), defendemos que o romance de Suassuna sinaliza para uma mudança na conformação do romance latinoamericano a partir da década de 1960.

² Durante o depoimento e nas passagens em que mantém diálogo com outras personagens, Quaderna comporta-se como um narrador “eustemunha” (LEITE, 1985, p. 37). Nestas, ele divide a versão dos fatos com outras personagens, pois “descreve acontecimentos em que não estivera presente” (LEAL-MCBRIDE, 1989, p. 51). Por ser, como dito anteriormente, um narrador autodiegético, Quaderna teria um ponto de vista limitado, porque observaria de um ponto de vista fixo, a partir de seus pensamentos, emoções e percepções. Mas, ao contrário disso, ele transita por vários pontos da narração, pois “revela a habilidade de obter informações sobre tudo e sobre todos” (LEAL-MCBRIDE, 1989, p. 51).

de construção pode ser observado na caracterização da focalização e do nível enunciativo da narração, que oscila entre o tempo da enunciação e o tempo do enunciado. Como acumula as funções de personagem e também de narrador da história, a construção de Quaderna mobiliza vários planos da narrativa, estando presente tanto no nível autodiegético como também no plano extradiegético da narração³. No Folheto I, Quaderna aparece do nível da enunciação, no presente da narração, quando decide escrever suas memórias provando sua inocência, ele transparece o desejo de escrever de forma confessional a sua história. Nesse folheto, ele oferece a obra como uma confissão, apresentando-se como narrador autodiegético, isto é, que acumula as funções de protagonista e narrador de suas próprias memórias. Nesse início do relato: “O leitor é levado a crer que a narrativa que tem em mãos apresenta o ponto de vista característico desse gênero, ou seja, a introspecção” (LEAL-MCBRIDE, 1989, p. 50). Já nos capítulos subsequentes do romance em tela, vê-se que Quaderna quebra esse pacto com o leitor e a narração oscila entre a primeira e de terceira pessoas.

Há uma mudança da personagem do nível da enunciação para o do enunciado, no qual Quaderna representa-se em momentos diferentes do passado. No folheto II, temos narração clássica “ulterior” (GENETTE, 1972), na qual Quaderna volta a três anos anteriores ao ato da enunciação. Temos Quaderna personagem da história em 1935, quando da chegada do Rapaz do Cavalo Branco a Taperoá, retrospectiva que tem a função de esclarecer os eventos em torno do assassinato de Pedro Sebastião e da luta política do “Donzel”, que supostamente seria Sinésio. Nessas passagens, que dão corpo à narrativa, incluindo aí o depoimento, a posição de Quaderna oscila entre o eu-protagonista e o eu-testemunha (como vimos) e, ainda, o narrador onisciente, que diversas vezes “é mero porta-voz de outros narradores” (LEAL-MCBRIDE, 1989, p. 70), incluindo o corregedor, um suposto narrador de segunda pessoa⁴.

Coadunando em si diversos estilos literários diferenciados, que oscila entre a ironia, o humor, o drama e o caráter épico. Da mesma forma como acontece com essa diversificação de planos e estilos narrativos, Quaderna reúne os qualificativos de diversas personagens da literatura mundial, como Quixote, Ema Bovary, Policarpo Quaresma, Félix Khrull, mas também de personagens com perfis teatrais, dos palhaços e saltimbancos que reinam no mundo do teatro popular, reunindo vários extratos literários e artísticos. Além disso, há em Quaderna também os perfis das personagens presentes em narrativas populares e causos, como Pedro Malazarte, Canção de Fogo, Pedro Quengo, caricaturas da esperteza, da astúcia e da picardia.

Notamos que Quaderna, na maioria das ações contadas por ele mesmo (dado que é o arguto narrador autobiográfico), concentra em si elementos de ingenuidade, de ressentimento, de culpa, de mágoa, de vingança, que dão a impressão de terem sido acoplados à sua imagem na construção demorada do romance, visto que, às vezes, verificamos que um comportamento que adotou em determinado episódio não condiz com a postura que adotou em outro: o Quaderna cheio de remorso e culpa que conversa com Pedro Beato no episódio “As aventuras de um corno desambicioso”⁵ desaparece em outros episódios em que o mesmo Quaderna aparece sob a perspectiva do riso e da galhofa. No episódio citado, Pedro Beato, o ex-marido traído de Maria Zafira, atual amante do protagonista, perdoa Quaderna por ter se “apossado” da sua mulher. E Quaderna, mostrando-se culpado de seu feito, pede desculpas e conversa sobre seu envolvimento nos assuntos da política local com o Beato. Este o acusa de ter “pensamentos escondidos” que o fazem perigoso diante dos olhos das pessoas. Acusa-o, ainda, de orgulhoso, por não perdoar os assassinos de seu pai e de seu padrinho; e de ambicioso por querer juntar dinheiro e recuperar a fazenda “as Maravilhas” que pertenceu a seu pai, por questão de honra. Quaderna se mostra humilhado pelas verdades ditas por Pedro Beato e, mais ainda, mostra-se magoado e ferido por não conseguir perdoar o passado. O Quaderna desse episódio não condiz com o Quaderna galhofeiro e lascivo de outras cenas.

Por outro lado, Pedro Dinis Ferreira Quaderna já fora comparado ao pícaro. Além disso, seu pragmatismo direcionado à ascensão social, que o leva a buscar recursos

³ Como *A Pedra do Reino* é uma narrativa de primeira pessoa, acomoda sempre uma duplicidade de foco narrativo e de pontos de vista. Quaderna duplica-se em narrador e personagem da história. Neste caso, Quaderna tem a possibilidade apresentar-se tanto no ato da escritura, ou seja, no nível da enunciação, como no nível do enunciado, através das ações da sua personagem. No nível da enunciação, Quaderna é o narrador de primeira pessoa, conta as ações do presente de um ponto fixo da narrativa, no Folheto I, quando inicia o relato, preso, em 1938. Nesse nível, ele assume a posição heterodiegética, isto é, está fora da história e exerce a função de narrador-autor. A focalização da narração é interna, de forma que ele se apresenta de modo confessional, contando suas memórias. Já, no segundo nível, o do enunciado, Quaderna limita-se a relatar e comentar, em terceira pessoa, as ações das demais personagens, com as quais esteve envolvido como personagem da história.

⁴ Maria Odília Leal-McBride (1989, p. 54) defende que *A Pedra do Reino* possui vários narradores, de primeira e terceira pessoas e um de segunda pessoa. O corregedor, que investiga a participação de Quaderna nos crimes na vila de Taperoá, seria um narrador de segunda pessoa, que divide a narração com o narrador-protagonista.

⁵ Este episódio, em que Quaderna dialoga com Pedro Beato, folheto XLIV (p. 307 a 320), indica o teor autobiográfico do romance, pois mostra que a vida de Suassuna se mescla à invenção do relato narrado. Nesse sentido, vemos, nesse episódio, a presença de elementos que mostram que acontecimentos da história de vida de Suassuna são acoplados à história fictícia de Quaderna. É o que ocorre, por exemplo, em relação à morte do pai de Ariano Suassuna, João Suassuna, e também à morte de João Dantas, primo da mãe de Suassuna, o qual assassinou o “presidente” da Paraíba, João Pessoa, e depois foi encontrado degolado na cadeia. Tudo isso é relatado no referido episódio por Pedro Beato.

a fim de superar as situações difíceis pela astúcia e pela esperteza, rende-lhe alusões ao *Lazarillo de Tormes*, precursor da novela picaresca. Um exemplo disso está no episódio no qual Quaderna abre a carta endereçada a seus professores, Samuel e Clemente, a qual contém a reposta negativa do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano do ingresso deles na instituição. Nesse episódio, Quaderna esconde que também tentou entrar no prestigiado instituto da capital paraibana, e, para sobrepor-se aos professores, antecipando-se na esperteza, lança a ideia de fundar a Academia de Letras dos Emparedados do Sertão da Paraíba, que os três integram como os únicos membros. Além disso, não podemos desprezar a picardia e as tiradas cômicas, as cenas e linguajar obsceno em episódios nos quais Quaderna apresenta a sua visão da realidade pela via do riso e da zombaria, como acontece no episódio do duelo de penicos, o famoso “ordálio brasileiro”, entre Samuel e Clemente, contado no folheto XLII, intitulado “O duelo”, narrado entre as páginas 288 e 302.

Mas, Quaderna não se comporta apenas como um pícaro, pois mesmo que seja ambicioso e que deseje subir na vida por meio da literatura, tornando-se o gênio da raça, apresenta outros perfis que constituem sua “personalidade”, mostrando que, de fato, concilia, em sua imagem, características ligadas ao épico, ao trágico e ao dramático, conforme afirmamos acima. Uma dessas características diz respeito a sua suposta monomania, a qual o faz transfigurar a realidade dura e ordinária do sertão em um reino encantado de aventuras, onde cangaceiros e ciganos maltrapilhos e sujos são embelezados pelo brilho das espadas e armaduras, porque transformados nos personagens literários e cavaleirescos dos cordéis. A capacidade que apresenta de “transfiguração” do real, de vê-lo com os olhos da literatura de cordel, faz de Quaderna uma personagem que se iguala ao Dom Quixote, de Cervantes. Também a origem fidalga do narrador distancia-o da caracterização do pícaro, aproximando-o mais do “cavaleiro da triste figura”, por sua condição trágica de encarar a realidade como ela não é de fato, alienado das condições reais da existência. Se, na fase adulta, Quaderna tenta sobreviver sozinho, lançando mão da astúcia para conseguir os ingredientes da “obra da Raça”, sua origem familiar, vinda da aristocracia rural, o impede de ser totalmente anti-herói, marginal à sociedade, como se comportaria o verdadeiro pícaro: apesar de pertencer ao lado ilegítimo e pobre da família (sua mãe era irmã bastarda de Pedro Sebastião), Quaderna cresceu sob a proteção do tio Pedro Sebastião, o Rei do Cariri, sendo criado junto a seus filhos, Sinésio e Arésio, aprendendo com os mentores, Samuel e Clemente, as lições do mundo letrado. A literatura será o caminho de compensação de sua pobreza, conforme explica Chagas:

A sua condição social – a meio caminho entre a inserção e a exclusão – permitia-lhe, em todo caso, vagar por entre todos os estratos sociais, travando contato com pessoas de todo tipo: apesar do seu contato íntimo com a oligarquia, ele era livre, entre outras coisas, para frequentar os cantadores que o seduziriam com seus *romances* de cavalaria cujos enredos o quixotesco e bovarista Quaderna mimetizaria ao recriar a sua estória familiar – era num ‘Castelo de poesia’ que a sua família seria reinstalada em seu lugar devido; substituta da ação, a poesia deveria restaurar-lhe a honra (CHAGAS, 2015. p. 11).

Seria Quaderna, então, um fidalgo arruinado, como foi Dom Quixote? Segundo a versão que apresenta da infância, Quaderna cresce alienado, vendo a realidade do sertão a partir das lições literárias da sua tia Dom Filipa Quaderna, uma espécie de matrona e governanta da fazenda Onça Malhada, que tentou fazer de Quaderna um homem corajoso. Na descrição que faz da infância, o narrador deixa transparecer que a sua visão de mundo embasa-se, sobretudo, nas histórias contadas na literatura de cordel e que seu desejo de tornar-se “rei” tem origem nessas leituras, conforme Quaderna descreve nesse trecho:

Tudo isso me ajudava, aos poucos, a entender cada vez melhor a história da Pedra do Reino e a me orgulhar da realeza e cavalaria dos meus antepassados. Tornava também o mundo, aquele meu mundo sertanejo, áspero, pardo e pedregoso, um Reino Encantado, semelhante àquele que meus bisavós tinham instaurado e que ilustres Poetas-acadêmicos tinham incendiado de uma vez para sempre em meu sangue. [...] Assim, quando agora me acontecia evocar os acontecimentos da Pedra do Reino, o que eu via eram os Pereiras, como uma espécie de Cavaleiros Cristãos do Cordão Azul, assediando e assaltando o Reino criado e defendido pelos Reis Mouros do Cordão Encarnado da família Quaderna. Sonhava em me tornar, também, um dia, Rei e Cavaleiro, como meu bisavô (SUASSUNA, 2007, p. 100).

Ele nos conta como seus delírios começaram depois da audição da *Cantiga de La Condessa*, um antigo romance que a tia ensinou às crianças da fazenda numa das noites em que brincavam de cantar na roda. Na leitura que fez do *Abecê de Jesuíno Brilhante* e da *História de Carlos Magno e os Doze Pares da França*, cordéis indispensáveis para aquele mundo popular, o sertão pareceu-lhe um “Reino”, e o sofrimento de sua vida pobre e dependente do tio é compensada pelas imagens cavaleirescas do cordel. A leitura dos “velhos” folhetos e romances propiciava a mediação de um mundo menos doloroso do que aquele que o fez um agregado na família Garcia-Barretto, após a ruína de seu pai. Dessa forma, a partir desse mundo inventado, Quaderna passa a enxergar

a realidade por via da visão literária. Ele confirma isso, com romantismo quixotesco, na seguinte passagem: “Minha vida, cinzenta, feia e mesquinha, de menino sertanejo reduzido à pobreza e à dependência pela ruína da fazenda de meu Pai, enchia-se dos galopes, das cores e bandeiras das Cavalhadas e dos heroísmos e cavalarias, dos heroísmos e cavalarias dos *folhetos*” (SUASSUNA, 2007, p. 100; grifo do autor).⁶ A alienação e os delírios que o distanciavam da realidade, ao que parece, tinham limites. Sabemos dos arranjos e manobras que Quaderna forjava para aparentar um fraco e inábil para as guerras: sabemos que durante a viagem que ele fez em 1935 àquela Serra onde estão fincadas as pedras encantadas do reinado de seus parentes sebastianistas da Pedra do Reino não possui fins nobiliários apenas, como o narrador tenta nos convencer nas primeiras páginas do capítulo; na viagem, segundo ele mesmo revela, Quaderna tinha como objetivo encontrar o tesouro do tio Pedro Sebastião, de acordo com a indicação do mapa que esse passara ao protagonista antes de morrer.

Também no episódio das três caçadas “aventurosas”, que fez durante a mesma viagem, em que o narrador diz não ter habilidade para atirar e depois acerta e mata uma onça, surpreendendo a todos, mas, ele afirma tratar-se de um golpe de sorte. Contudo, mais diante, em relação aos eventos da “Guerra Sertaneja”, no dia 1 de junho de 1935, quando trata do tiro direcionado ao homem que atentou contra a vida de Sinésio, tiro esse que parte do lajedo onde o protagonista almoçava, desconfiamos que a sorte que ele se atribui no episódio da onça pode ter sido fruto de uma mentira, afinal ele pode ser tão bom atirador que não apenas matou a onça como também atirou no homem que tentou matar Sinésio. Mas, nesse caso, o que prevalece é a imagem de um homem que mente porque é “vaidosamente obcecado com o juízo alheio” (CHAGAS, 2015, p. 11). Nesse sentido, Quaderna diferencia-se do fidalgo de La Mancha, não apenas por considerar-se incapaz fisicamente de se envolver em batalhas e guerras da vida real, mas pela

capacidade de medir as consequências de seus atos. Por sua capacidade de medir as consequências das batalhas reais, toma a decisão de transformar toda a realidade difícil e cruel do sertão em literatura. Aqui, a esperteza e a lucidez são características que contrastam com os delírios de autoengrandecimento. Por se autodenominar um “covarde”, ele afirma que deseja construir um “reino literário” e por, meio dele, tornar-se rei, sem ser degolado e sem se envolver em guerras e cavalarias reais, para as quais ele afirmava não ter vocação. Muito menos desejava se meter em “matanças e morrenças”, como fizeram seus antepassados da Pedra do Reino (SUASSUNA, 2007, p. 115).

Se, ainda analisando a construção desse personagem-mosaico, partirmos do lugar ambíguo que Quaderna ocupa na sociedade taperoense, vemos que sua imagem é a de quem vive na corda-bamba, no “entrelugar” da sociedade de classe, entre a “aristocracia rural” e o povo, a “ralé sertaneja”. Socialmente é bajulado por pertencer a uma “família de certa ordem” e de posição social favorável, sendo sobrinho e protegido de Pedro Sebastião Garcia-Barretto, o homem mais influente do sertão do Cariri. Este aspecto o torna um homem vaidoso. Mas, convive também com “os bêbados, os doidos, os ladrões de cavalo, os contrabandistas de cachaça, os cantadores, cavalarianos e vagabundos de toda espécie” (SUASSUNA, 2007, p. 355), mostrando-se humilde e envolvido nos espetáculos populares promovidos para o povo da cidade. Em síntese, é um fidalgo que, apesar de arruinado, é orgulhoso e não admite trabalhar em ocupações indignas a sua linhagem.

Nesse sentido, com a falência de seu pai, Quaderna e seus irmãos recusaram-se a ocupar os cargos “menores” de “caixeiro ou empregado de comerciantes, burgueses mesquinhos a quem servir seria uma desonra para simples filhos de Fidalgos” (SUASSUNA, 2007, p. 177) e, com isso, submeter-se às obrigações ordinárias. Como era o menos capaz para trabalhos que exigissem força física, fora enviado pelo pai ao Seminário da Paraíba, aos 21, com o objetivo de seguir a carreira eclesiástica, que o levaria ao posto de Bispo, fazendo-o tornar-se Príncipe da Igreja. Mas fora expulso do seminário em 1923. Com a ascensão política de seu padrinho, que lhe facilitou as nomeações de bibliotecário, tabelião e coletor de impostos, Quaderna assume uma posição social que lhe confere certo prestígio na vila, que embora “jamais consentâneo” com seu “sangue real”, ao menos lhe “proporcionou um ócio remunerado de fidalgo-de-toga” (SUASSUNA, 2007, p. 178). Apesar de insatisfeito com a situação social que ocupa, Quaderna alia bem as duas posições, de forma que além de bibliotecário e coletor de impostos, é dono da famosa casa de recursos “Estalagem Távola Redonda”, uma pensão que

⁶ Alguns analistas de *A Pedra do Reino* demonstram que as evidências entre a história da vida de Suassuna e a de sua personagem, Quaderna, não representam mera coincidência, mas que a personagem talvez seja uma criação autobiográfica do autor. Carlos Newton Júnior (2003), por exemplo, afirma que “se Quaderna não era, de fato, um personagem autobiográfico [...], ele era, sem sombra de dúvidas, o mais autobiográfico dos personagens de Ariano, aquele personagem através do qual o autor mais falou de si mesmo” (NEWTON JÚNIOR, 2003, p. 142). Embora esse dado não seja confirmado pelo autor, o fato de Suassuna descender de uma das famílias mais influentes do sertão paraibano, ter o pai assassinado nos primeiros anos da infância e ter crescido no ambiente da fazenda são dados pessoais do autor que podem ser comparados com a biografia do protagonista de *A Pedra do Reino*. As semelhanças da infância de Quaderna com a de Suassuna estão ainda mais presentes no relato que o protagonista do romance faz das lembranças dessa infância na fazenda Onça Malhada, lembranças essas que são marcadas pela morte prematura do pai e pelas recordações que constituem sua vida de menino. Contudo, nesta tese, não são esses aspectos que nos interessam, apesar de não podermos negar-lhes a existência.

parece ser também um bordel, como indica a descrição feita da mesma pelo juiz-corregedor, durante o interrogatório: “[...] lugar onde os rapazes ricos e desocupados da Vila têm encontros suspeitos com mulheres de maus costumes mediante uma taxa de pagamento ao senhor!” (SUASSUNA, 2007, p.355). Vemos, aqui, a imagem de um homem que vive à margem da sociedade, convivendo com as pessoas de procedência duvidosa, buscando equilibrar bem a vida. Isso mostra que, além de Dom Quixote, Quaderna também concentra em si uma parcela da personalidade de Sancho Pança, conforme afirma Newton Júnior, ao defender que “a voz de Sancho grita dentro de Quaderna” (NEWTON JÚNIOR, 2003, p.161), com uma intensidade que se não for maior, iguala-se à parcela de Quixote que nosso fidalgo paraibano possui, porque, ainda segundo Newton Júnior, “é a lucidez do escudeiro que o faz um sonhador que sonha acordado” (idem). Essa lucidez pode ser verificada quando Quaderna reflete sobre o lado prazeroso de ser rei, o que ocorria toda vez que pensava em assumir o trono do bisavô:

Sonhava em me tornar, também, um dia, Rei e Cavaleiro, como meu bisavô. Não para degolar os outros, mas para conquistar Rosa e sete Princesas, queimando sete coivaras e abrindo, ainda, a broca dos cercados dos outros, pelo direito real de ‘dispensar’ todas as donzelas do Reino em sua primeira noite de casadas (SUASSUNA, 2007, p. 100).

É a lucidez do escudeiro Sancho Pança que transpõe no estilo literário de Quaderna, pois, através deste, ele mostra que sabe que a aparência feia e triste do sertão pode “melhorar” por via da literatura. Por isso, Quaderna atribui, com consciência, essa transfiguração que faz da realidade à leitura dos cordéis e dos romances cantados, onde reinam cavaleiros e damas. Tais leituras lhes trouxeram à mente histórias de parentes antigos que também foram reis. Com a escrita literária, o protagonista reverte sua condição de homem marginalizado socialmente e, por meio dessa mesma escrita, Quaderna também vai construindo sua autoimagem. Tal atitude o diferencia de outras personagens da literatura, como Policarpo Quaresma e Dom Quixote, que caem na melancolia e na profunda tristeza ao se darem conta de seu delírio. A escrita literária possibilita a superação por parte da personagem de suas fragilidades, de forma que muitas vezes os delírios por meio dos quais ele atribui importância a si sejam tomados como um recurso para compensar os sentimentos de culpa e de ressentimento que Quaderna nem tem consciência de que nutre em relação a seu passado, quando, apartado dos pais, passa a viver como agregado na casa do tio Pedro Sebastião. Enquanto

“homem literário”⁷, o que argumentamos ser uma das máscaras que usa para convencer o leitor acerca de sua inocência, Quaderna pode ser visto, em alguns momentos da narrativa, como a representação do escritor brasileiro – e mesmo do latinoamericano –, dedicado a decifrar a chave de nossa história e nossa identidade cultural; convocado a assumir uma postura engajada, política e socialmente, quando, na verdade, seu desejo concentra-se apenas em escrever literatura. Esta seria a sua forma de ação na sociedade, e por isso, seria isento da culpa pelo destino político, econômico e social do país. Essa máscara de homem literário, que não nos convence por muito tempo, realça-se nas ações do enredo, nas quais se pode ver que o protagonista utiliza como “substituta da ação” (CHAGAS, 2015, p. 11). Quaderna pensava em reconstituir a glória do passado familiar construindo um “Castelo de poético” (SUASSUNA, 2007, p. 187), um reino literário que o faria, de modo oficial, o rei do Brasil, mas não sonhava envolver-se em batalhas reais. Nesse sentido, por ser um herói passivo, que deseja mudar o destino da nação, mas sem se envolver diretamente em “guerras” e “banhos de sangue” (SUASSUNA 2007, p. 188), Quaderna envolve-se, de fato, apenas com a literatura, fazendo recair a responsabilidade pelas ações políticas sobre os reais agentes políticos de Taperoá e, conseqüentemente, do resto do país.

Construção de memória no romance

Conforme se vê, o romance de Suassuna não apresenta uma síntese da configuração dessa personagem: Quaderna sugere sempre novas facetas interpretativas o leitor.

A personagem principal de *A Pedra do Reino* representa, acima de tudo, a nosso ver, uma postura de ironia ao próprio projeto enciclopédico do romance escrito por Suassuna, que se coaduna a um desejo de interpretação da nação a partir de 1960.

Resultado da possível bricolagem de todos os elementos dispersos reunidos por Suassuna durante os doze anos de composição da obra, Quaderna representa, conforme declaramos acima, uma crítica ao desejo de enciclopedismo que permeia a construção dessa narrativa, ambição que, ao reunir elementos de diversas fontes e gêneros estilísticos, provoca no leitor a sensação da contradição e de ambigüidade em relação à composição da personagem.

⁷ O termo refere-se à forma como Mikhail Bakhtin define o herói do romance que “vê a vida com os olhos da literatura e que tenta viver de acordo com a literatura” (BAKHTIN, 1988, p.202). Ainda segundo o autor, *Dom Quixote* e de *Emma Bovary* são os exemplos mais célebres desse tipo de herói.

Embora o autor paraibano tenha classificado a obra como “rapsódia introdutória de temas”, porque previa a sua continuação em outros romances da trilogia⁸, o narrador-protagonista concentra, nesse único volume, as características (ações e visões de mundo) que serão apresentados nos demais romances da trilogia, afinal, ele é o responsável pela costura de vários episódios dispersos da narrativa.

Na visão de mundo do narrador-protagonista do romance d’ *A Pedra do Reino*, a realidade comparece de forma complexificada: a rotina da realidade rural de Taperoá, pequena vila do interior da Paraíba, mostra-se invadida repentinamente pela presença de instituições, concepções e formas econômicas, sociais e políticas da vida urbana da capital paraibana e do resto do país. No período de 1930, o Brasil já se encontrava imerso nas transformações globais do mundo capitalista, que faz conviver várias realidades díspares na mesma condição espaço-temporal. Em Taperoá, na época relata por Quaderna, portanto, o espaço social não condiz mais com um lugar isolado e atemporal do sertão: representa o microcosmo da rede complexa de relações sociais e políticas do capitalismo mundial que o Brasil absorve sem planejamento. Não há a demonstração de uma unidade nacional, mas o país é mostrado em sua diversidade e complexidade (cultural, racial, política). Por isso Quaderna, Clemente, Samuel são personagens que se veem afetadas pelas consequências da repressão ao comunismo, instalada em âmbito mundial.

Dessa forma, as personagens se veem atingidas muito rapidamente pelas mudanças que atingem a vila e também o país e o mundo. Conforme afirma Quaderna, “Aqui na Paraíba, para desgraça nossa, a Revolução se misturou às bárbaras vinditas familiares sertanejas, unindo-se os ódios ancestrais e as divisões de sangue a tudo o que o Poder tem de fatídico e perigoso!” (SUASSUNA, 2007, p. 260).

Assim, os símbolos do capitalismo e da política mundial emergentes no Brasil na década de 1930 estão presentes n’ *A Pedra do Reino*. O narrador-protagonista mostra-se sensível a essas mudanças, ou melhor, ele sofre as consequências dessas transformações, já que afirma ter sido preso sob a acusação de comunista, cinco anos depois da morte do seu tio e padrinho Pedro Sebastião ter sido relacionada às ações do Partido Comunista na

região. O narrador comenta como esses eventos políticos estão relacionados à “teia política” da família de sua mãe:

Eu fora chamado a depor sobre isso em 1930, perante os Tribunais Revolucionários surgidos com a vitória da Revolução. Cinco anos depois, o inquérito fora novamente aberto, quando se relacionou pela primeira vez toda aquela história de 30 com a ‘missão secreta’ que o rapaz do cavalo branco teria vindo desempenhar na Revolução comunista de 1935. De modo que esta, de agora, era a terceira vez em que eu me via envolvido naquela teia de política, sangue, enigma e crime, relacionada com a família de minha Mãe, a suave e doce Maria Sulpícia Garcia-Barretto Quaderna (SUASSUNA, 2007, p. 321).

As consequências do processo judicial de Quaderna se relacionam, como se vê acima, não apenas com as disputas de famílias rivais da região, mas também com a política nacional. O romance mostra que o isolamento e as divisões regionais estavam ficando cada vez mais tênues nesse período de 1930. Como se vê, o olhar do narrador dirige-se para “a ação transformadora do tempo” (CHAGAS, 2014, p. 249), que operou mudanças na paisagem política e cultural do país entre 1930 e 1970. O Brasil se mostra como um dos temas tratados no romance de Suassuna. Porém, mostra-se uma imagem do país fragmentado em sua constituição interna, com fissuras na apresentação da nacionalidade que indicam divisões e novas conformações políticas em vigor, como é próprio do romance de arquivo. Com isso, o romance representa, a partir de 1960, o “progressivo abandono” (CHAGAS, 2014, p. 249) do padrão naturalista no romance brasileiro que alguns autores, como Flora Sussekind (1984), enxergavam ainda vigente na década de 1970.

Assim, a acumulação, a indeterminação e a ironia são características que demonstram a possibilidade de construção de memória no romance, no qual novas possibilidades narrativas vão distanciando a ficção brasileira do paradigma tradicional de representação da identidade história e social.

Ao invés de representar a região Nordeste por meio de imagens estereotipadas e pitorescas, o narrador mostra o sertão como um espaço construído por discursos, símbolos, textos, imagens e representações literárias diferentes ao longo da história e dos quais ele não pretende abrir mão, mesmo que seja para superá-los. Isso acontece porque n’ *A Pedra do Reino*, dá-se ênfase ao acúmulo de elementos, à reunião informações, épocas, personagens, lugares e referências diferenciadas que resultam, quase sempre, na conformação de narrativa multifacetada e complexa.

Essa reunião de elementos possibilita, também, a construção de uma memória diferenciada, sincrônica, dirigida, sobretudo, para a atualização e reflexão de

⁸ O romance d’ *A Pedra do Reino* é o primeiro livro da trilogia intitulada *Maravilhosa Desventura de Quaderna, O Decifrador, e a Demanda Novelosa do Reino do Sertão*. Integram o ambicioso projeto dessa trilogia os livros *História do Rei Degolado nas caatingas do Sertão: ao Sol da Onça Caetana*, publicado em formato de folhetim no jornal Diário de Pernambuco, com posterior publicação em formato de livro em 1976, pela editora José Olympio; e o terceiro livro *As infâncias de Quaderna*, publicado como livro, em 1977, também lançado inicialmente em formato de folhetim.

elementos da tradição literária e cultural brasileira. Assim, além, da caracterização ambivalente do narrador-protagonista, também a configuração complexa do enredo, a multiplicidade de personagens e de ações, o feitiço não linear do tempo cronológico condizem com a configuração do romance de arquivo. É dessa forma que vemos funcionando a memória sincrônica no romance, que é construída com base nos próprios recursos ficcionais.

Assim, no romance de Suassuna, embora a trama se passe do interior do Nordeste – a vila de Taperoá – o tempo se mostra dinamizado e inserido nas transformações do mundo urbano e capitalista mundial, no qual o Brasil se insere compulsoriamente.

Nessa perspectiva, o romance se mostra como gênero do presente, constrói uma forma diferenciada de memória. Esta memória, no romance de Suassuna, dirige-se para a reflexão da atualidade em que o romance fora escrito – as décadas de 1960 e 1970 – ressaltando, todavia, as transformações que a sociedade brasileira já apresentava a partir da década de 1930, mormente em termos políticos e culturais.

Referências

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.

CHAGAS, Pedro Dolabela. Sobre a origem histórica da diversidade do romance brasileiro contemporâneo. Uma leitura

de Quarup como romance de arquivo. *Brasiliiana Journal for Brazilian Studies*, v. 3, n. 1, p. 237-264, jul. 2014. ISSN 2245-4373.

CHAGAS, Pedro Dolabela. O Romance da Pedra do Reino: o seu lugar na história. *Caletoscópio*, v. 3, n. 4, p. 37-69, jan.-jun. 2015.

ECHEVARRÍA, Roberto González. *Mito y archivo*. Una teoría de la narrativa latinoamericana. México: Fondo de Cultura Económica, 2000.

GENETTE, Gérard. *Figures III*. Paris: Éditions du Seuil, 1972.

LEAL-MCBRIDE, Maria Odília. *Narrativas e narradores em A Pedra do Reino: estruturas e perspectivas cambiantes*. New York; Bern; Frankfurt am Main; Paris: Peter Lang Publishing, 1989.

LEMOS, Anna Paula Soares. *Ariano Suassuna, o palhaço-professor e a sua Pedra do Reino*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

NEWTON JÚNIOR, Carlos Newton de Souza. *Vida de Quaderna e Simão*. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Ed. Artelivro, 2003.

SUASSUNA, Ariano. *Romance d' A pedra do reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

Recebido: 17/11/16

Aprovado: 06/02/17

Contato: renaildacazumba@gmail.com
edvaniagsilva@gmail.com